

**Escola Sindical Sul**  
**CURSO DE FORMAÇÃO DE DIRIGENTES**  
**TMT AVANÇADO**  
**Estratégia – Metodologia- Trajetória – Balanço**

**Luiz Azevedo**  
**Cláudio Nascimento**

Quarenta e sete dirigentes sindicais da região Sul concluíram no dia 09 de novembro de 2000 o curso de formação de dirigentes TMT Avançado, realizado na Escola Sul da CUT. Foram 160 horas em sala de aula, ao lado de muitas outras dedicadas ao estudo e pesquisa entre uma e outra etapa. Nesta caminhada, apenas seis dirigentes deixaram de participar de todo o curso, iniciado dia 22 de maio com 53 participantes. Na comemoração estavam evidentes as transformações que a cada etapa eram percebidas por educadores e educandos. Estamos agora diante de dirigentes que se sentem sujeitos, acima de tudo que valorizam o seu saber e a sua capacidade de transformação. Frente a um grupo absolutamente integrado, que recuperou e trouxe para debate os principais acontecimentos ocorridos na região Sul no século XX. Cientes, portanto, que por fazerem a sua própria história em circunstâncias adversas, os homens precisam desvendar o passado para melhor compreender o presente e aumentar sua capacidade de imaginar o futuro.

**Nosso ponto de partida**

A Escola Sul já vem realizando o curso de formação de dirigentes há três anos. Estruturado em sete módulos de cinco dias cada, o curso abordava em cada módulo um eixo temático, a partir do qual educadores e educandos mergulhavam na história a procura de elementos que ajudassem a compreender a atualidade e a projetar tendências futuras. Partíamos sempre das experiências e vivências dos educandos que, a cada etapa, traziam retratos de como a problemática estudada se manifestava em sua região. A partir destes elementos analisávamos a situação existente, as mudanças que ocorreram e seus impactos sobre a organização e as práticas sindicais. Por fim, os educandos eram assessorados e apoiados no desenvolvimento de suas pesquisas (com o estudo de instrumental adequado) e orientados sobre as tarefas a serem realizadas até a etapa seguinte. Grosso modo esta era a estrutura do curso de formação de dirigentes da Escola Sul, cujos resultados foram extremamente positivos.

No ano 2000, o curso tinha que ser diferente. Deveria considerar:

1. a definição nacional das transformações no mundo do trabalho (TMT) como eixo temático;
2. a experiência dos cursos realizados nos anos anteriores pela Escola Sul;
3. os principais acontecimentos previstos para o período em que o curso se realizaria e que, portanto, estariam presentes na prática dos educandos.

A definição das transformações no mundo do trabalho como eixo temático impedia que estruturássemos o nosso curso nos mesmos moldes daqueles realizados nos anos anteriores, quando cada etapa estudava um tema.

Da avaliação dos cursos realizados nos anos anteriores destacamos e consideramos duas questões:

1. Em todas turmas verificamos um enorme desnível de conhecimentos entre os educandos, o que dificultava o tratamento dos temas selecionados;
2. O enfoque centrado em um tema em cada etapa, desenvolvido por educadores diferentes, dificultava: (1) estabelecer relações entre os vários temas, visando conhecer o contexto e ter uma visão de totalidade; (2) os educadores tinham dificuldade de conhecer o caminho percorrido pelos educandos, sua história, sua vivência, suas dificuldades, expectativas e compromissos.

Decidimos considerar os acontecimentos previstos para o período em que o curso seria realizado, pois certamente os educandos trariam para a sala de aula não apenas as suas experiências e vivências, mas também os desafios, impasses e dificuldades de sua prática. Teríamos que considerar inclusive aqueles acontecimentos que, apesar de não estarem diretamente vinculados à prática sindical, poderiam potencializar a reflexão e discussão em sala de aula por estarem em evidência naquele período.

Identificamos três questões:

1. As comemorações dos “500 anos” colocavam em evidência interpretações de nossa história recente;
2. O curso estaria se desenvolvendo no último ano do século e do milênio;
3. Os dirigentes estariam em grande parte do curso envolvidos com as eleições municipais e com o Congresso da CUT.

Considerando as questões acima apontadas, decidimos iniciar a discussão a partir da seguinte idéia básica: realizar um retrato do Brasil no século XX, visando identificar a origem estrutural dos problemas da atualidade e os desafios do movimento sindical para o século XXI, tendo como tema central as transformações no mundo do trabalho.

Para evitar o desnível verificado nos cursos anteriores tomamos as seguintes providências:

1. Distribuímos as 60 vagas entre as três CUT's, cabendo a elas **receberem** as inscrições e **selecionarem** os candidatos a partir dos seguintes critérios: (a) ter passado pelo curso sindical básico ou ter conhecimento equivalente; (b) ter compromisso com a participação em todas as etapas.
2. Discutimos no Coletivo Regional e nos Coletivos Estaduais a importância de que estes critérios fossem observados.

Considerando todos estes fatores estruturamos o curso de forma a desafiar os educandos a recuperar os acontecimentos de impacto em suas regiões ou do ramo em que atuam nos vários períodos históricos deste século. Desta forma, além do efeito pedagógico decorrente do trabalho de pesquisa contaríamos com um conjunto de acontecimentos e experiências de cada região que, devidamente contextualizados, nos possibilitariam examinar, compreender e estabelecer relações entre a situação concreta de cada região e a evolução econômica, política, social e cultural do país ao longo deste século. Neste exame, coletivamente procuraríamos identificar os problemas estruturais e as experiências vivenciadas, tendo por objetivo compreender melhor a atualidade e iluminar o futuro, para que os educandos estejam melhor capacitados a compreender as transformações no mundo do trabalho *como resposta do capital à dinâmica competitiva e às lutas sociais* e a *construir propostas de negociação e contratação coletiva* bem como elaborar alternativas populares e democráticas para a sua região, melhorando assim a sua prática sindical.

As reportagens e fatos políticos, educacionais e culturais relacionados à comemoração dos 500 anos nos ajudariam a repensar e a reescrever a nossa história. Uma

reflexão em torno das transformações no mundo do trabalho, na nossa perspectiva, não poderia ter como fio condutor o estudo do fordismo/toyotismo e do impacto da reestruturação produtiva nos locais de trabalho e no movimento sindical. Queríamos que os educandos mergulhassem na história de sua região e recuperassem através de pesquisa (história oral contada pelos pais, avós e personagens da região, arquivos, jornais etc.) os acontecimentos que causaram grande impacto na região, que mudaram o trabalho e a vida das pessoas.

A partir destes acontecimentos teríamos condições de compreender não só as mudanças no mundo do trabalho, mas em todos os âmbitos da vida econômica, política, social e cultural da região. Posteriormente, durante o curso, percebemos todo o potencial deste enfoque. Como exemplo, podemos citar a imigração européia, cujo impacto na formação do mercado de trabalho na região Sul foi muito diversa daquela observada em São Paulo. A grande geada e o incêndio que dizimaram os cafezais no Paraná na primeira metade do século provocaram mudanças significativas na economia, no trabalho e na organização social na região. Poderíamos citar inúmeros acontecimentos retratados pelos educandos de extrema importância para compreender não só o mundo do trabalho, mas também a formação social e as relações de poder estabelecidas em cada região, ainda presentes nos dias de hoje.

As eleições municipais viriam enriquecer este enfoque metodológico. Pelo menos em três etapas do curso os educandos trouxeram para a sala de aula e para as atividades extra sala as discussões e o embate eleitoral em suas regiões. Puderam perceber as raízes históricas não só dos problemas que se colocavam na disputa eleitoral, mas também das forças que estavam na disputa. As cidades (o poder local) como espaços de exercício da cidadania ganharam relevância no debate e a estratégia da CUT de disputar a hegemonia na sociedade encontrou ressonância na prática social.

Os educandos poderiam (como puderam) compreender melhor a estratégia da CUT em um momento muito especial. Neste ano estariam sendo realizados os debates, as assembleias e congressos estaduais preparatórios para o Congresso Nacional da CUT, onde a questão estaria colocada como resolução. Recuperar a história de formação da CUT, sua concepção e estratégia, os avanços e limites do sindicalismo na década de 80, os impasses da década de 90 e os desafios do próximo período, num momento em que se realizariam as discussões sobre a estratégia da CUT frente às transformações no mundo do trabalho (dentre outras mudanças) possibilitaria ao educando articular o estudo e a reflexão com a ação imediata.

Queríamos que a vivência e a prática dos educandos estivessem no centro do processo educativo. E os educandos têm nome, origem, histórias e diferentes entradas no mundo sindical. Colocamos como objetivo primeiro desvendar estes sujeitos sociais, compreender seus limites e potenciais.

Neste sentido, no ato da inscrição cada candidato preenchia uma pesquisa onde procurávamos identificar o seu perfil, mas acima de tudo o que fazia, o que gostaria de fazer, o que considerava seus pontos fracos e fortes, o que gostaria de aprofundar no curso e quais eram suas perspectivas como dirigente sindical. A partir da terceira etapa, quando iniciamos o estudo dos períodos posteriores a 64, além de uma cartolina retratando um ou mais acontecimento de destaque no período, cada educando trazia uma outra com a sua história, retratando o que estava fazendo. Esse momento foi muito rico e possibilitou-nos relacionar a história, a vivência dos educandos com as gerações de militantes de esquerda

em nosso país. Ficou evidente que a maioria entrou no movimento sindical a partir das experiências desenvolvidas nos movimentos eclesiais de base, como pastorais.

Através do questionário e dinâmicas de integração traçamos um perfil das duas turmas. A maioria dos educandos tem entre 26 e 45 anos, com concentração na faixa de 36 a 45. Iniciaram sua militância no sindicato e movimento popular, com grande influência do trabalho de base das pastorais. Metade tem mais de 10 anos de militância. Grande parte teve sua formação política em cursos organizados pela Escola Sul. Metade atua em cidades do interior e apenas três no meio rural. Em relação à escolaridade 17% tem 1º grau, 42% tem 2º grau, 31% tem 3º grau e 10% pós graduação. Em relação a gênero 75% são do sexo masculino. Em relação ao Estado, 34% de Santa Catarina, 38% do Paraná e 28% do Rio Grande do Sul. Em relação à liberação da empresa para dedicação exclusiva ao Sindicato, 73% são liberados. Em relação a ramos/setores, 13 são bancários, 4 rurais, 2 educação, 10 indústria, 16 serviço público e 9 outros setores.

A maioria dos educandos exercem atividades predominantemente na base. Em segundo lugar, aparecem as atividades administrativas, seguidas de coordenação, secretarias, atividades junto a outras entidades, oposições, rescisão, etc. A negociação coletiva foi apontada por apenas seis dirigentes; o mesmo número apontou atividades de representação junto ao Estado, como conselhos.

### **O Método das " ondas de longa duração"**

O programa que elaboramos teve por objetivo articular questões que implicam distintas temporalidades (curto, médio e longo prazos) e espacialidades (locais, estaduais, regionais, nacionais e mundiais). O fim do milênio e do século 20 exigem abordagens que remetam a problemas civilizatórios; as atividades relacionadas aos "500 anos" colocam em relevância a formação nacional brasileira, um retrato do Brasil, ou seja, questões estruturais; as eleições municipais colocam em evidência o poder local. Enfim, O CONCURTO colocava em cena o debate sobre a estratégia de disputa de hegemonia. Portanto, o curso se desenvolveu em um ano onde os principais acontecimentos nos quais os educandos estavam envolvidos potencializavam e exigiam que nossas reflexões relacionassem o conjuntural com o estrutural.

Para contemplar estas complexas e distintas temporalidades trabalhamos com a metodologia das ondas de longa duração. Esta metodologia articula as características e a natureza da complexidade da crise em curso: as mutações no mundo do trabalho e suas conseqüências para o sindicalismo e o conjunto da sociedade.

A crise do trabalho e do sindicalismo têm dimensões profundas que exigem a abordagem de temporalidades de longa duração e de contradições profundas (éticas, culturais). Através da informatização e da mundialização do mercado financeiro, os grupos dirigentes do capital redesenharam o saber e a figura do trabalho no processo produtivo, conduzindo a uma crise profunda dos partidos de massa e dos sindicatos, questionando a forma Estado-Nação.

Em termos metodológicos, a complexidade e a profundidade da crise exigem uma visão que incorpore temporalidades mais longas e explore contradições mais profundas. As mutações afetam de forma radical dois âmbitos do mundo moderno: (1) os mundos do trabalho; (2) o campo do Estado-Nação. O primeiro refere-se ao campo da reestruturação produtiva; o segundo, ao âmbito do território, das cidades, das políticas públicas. O primeiro requer uma análise da esfera da produção, do estágio atual do "Capital"; o

segundo, uma análise a nível do espaço-território, da reprodução social. No conjunto, o fenómeno que Milton Santos chama de “sistema técnico-informacional”.

No desenvolvimento atual do sistema capitalista, o mundo do trabalho é objeto de um amplo processo de reestruturação da organização da produção. As mudanças são tão profundas e radicais que parece tratar-se de uma “vingança” do capital em relação ao trabalho. Surge mesmo, uma nova forma de capitalismo global, muito diferente do capitalismo multinacional.

Um dos signos principais da globalização do capitalismo é o desenvolvimento do capital em geral, superando mercados e fronteiras, regimes políticos e projetos nacionais, regionalismos e geopolíticas, culturas e civilizações. No centro do processo encontra-se a crise do mundo do trabalho. O que caracteriza o mundo do trabalho no fim do século XX é que ele se globalizou na mesma escala em que se globalizou o capitalismo. A globalização capitalista, vista como processo civilizatório, atinge o conjunto da sociedade humana, e, rompem-se os quadros sociais e mentais de referência. Esta "desordem do trabalho" atua sobre toda a vida social: surgem novas formas de sociabilidade, novo tipo de individualismo, novas religiões, crise de representação, violência e barbárie. As instituições (sindicato, partido, escola, família, Estado, Nação,..) sofrem os efeitos da reestruturação do processo de produção. Por exemplo: no mundo do trabalho, as noções de *espaço*, *tempo* e *função* estão sendo alteradas de forma radical, obrigando a uma revisão da relação entre o *tempo* e a natureza do trabalho.

A amplitude das mutações em curso nos fazem pensar no período analisado por M. Foucault: a passagem da “Idade Clássica para Idade Moderna”, quando o “nascimento do trabalho” modificou a ordem social e engendrou uma “nova episteme”, afetando a natureza, os métodos e as funções do saber. Portanto, o período atual não é o primeiro em que se fala de “crise do trabalho”. Em todas as grandes crises estruturais (fim do século XVII, no final do século XIX, nos primeiros 15 anos do século XX, no período entre as duas guerras mundiais, sobretudo durante a crise de 1930) o trabalho esteve no centro das reflexões.

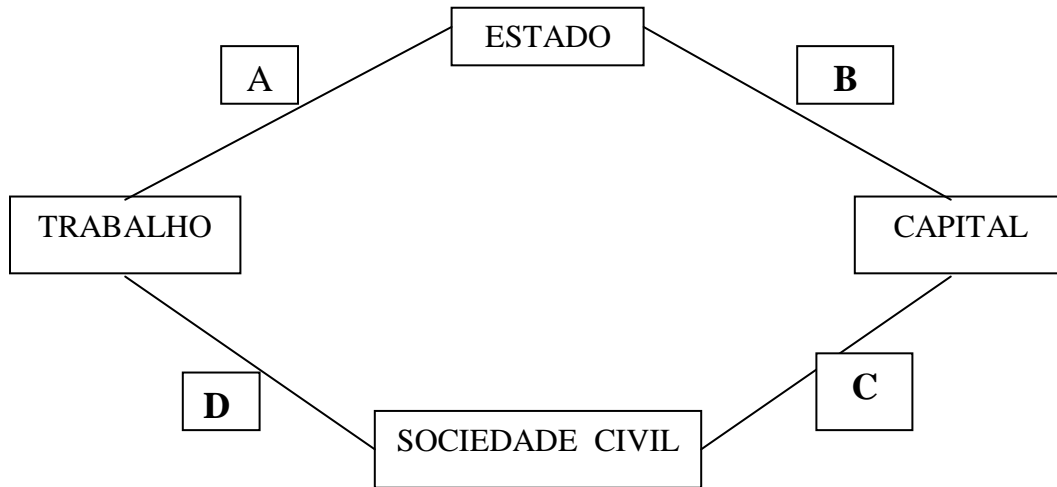
As novas tecnologias produzem impactos culturais de caráter global sobre a sociedade como um todo e, particularmente, sobre os trabalhadores. A flexibilização envolve todo um rearranjo interno e externo da classe operária, em âmbito nacional, regional e mundial. Modificam-se os seus padrões de sociabilidade, vida cultural e consciência, ao mesmo tempo que mudam as condições de organização, mobilização e reivindicação.

Estas tecnologias constituem um desejo antigo da humanidade, isto é, a emancipação humana do trabalho manual, a redução da jornada de trabalho, o tempo livre, maior produtividade, entre outras. Entretanto, sua implementação, em conformidade com os interesses do capital, tem produzido desemprego estrutural, exclusão em massa, desorganização das famílias pelos turnos flexíveis e desorganização dos trabalhadores.

Disto podemos extrair dois eixos importantes: a crise da civilização industrial e a mutação do valor trabalho. A globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. O futuro caminha para uma maior fragmentação dualista e de caráter estrutural da sociedade, agravando a marginalização e a exclusão social, o desemprego e a precariedade do trabalho.

## Desenvolvimento metodológico

Estruturamos o programa em quatro “disciplinas” (economia e desenvolvimento, Estado e democracia, sindicalismo e lutas sociais, cultura e hegemonia). De forma articulada, procuramos abordar os seguintes aspectos:



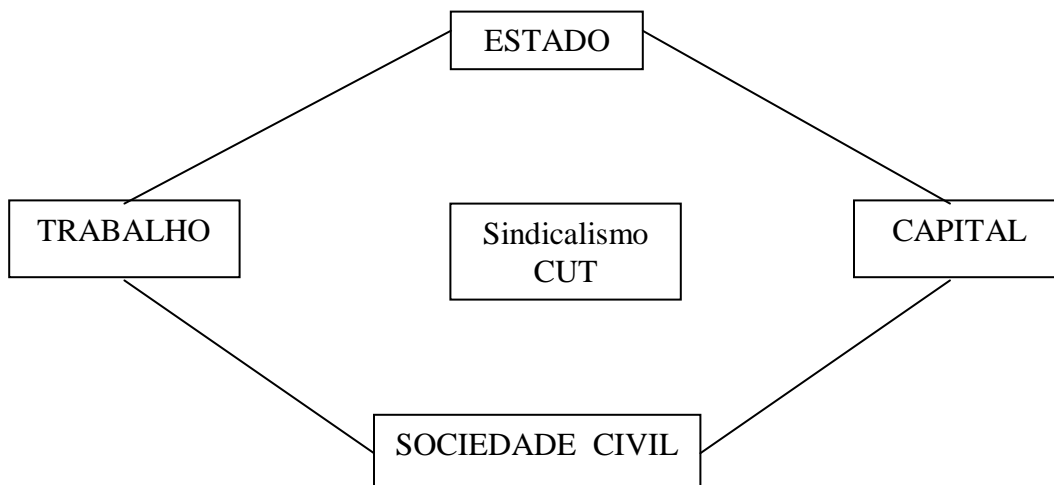
A - Experiências de desenvolvimento articulando,principalmente, Estado e Trabalho; por exemplo: social-democracia europeia,populismos na America Latina,socialismo estatal no leste da Europa central e na ex-URSS;

B - Experiências de desenvolvimento articulando,principalmente,Estado e Capital; fascismo,nazismo,ditaduras militares;

C - Experiências de desenvolvimento articulando,principalmente, Capital e Sociedade Civil; liberalismo, neoliberalismo;

D - Campo do historicamente “ainda-não-vivido” , das alternativas e da UTOPIA, articulando Trabalho e Sociedade Civil, como eixos determinantes em relação ao Capital e ao Estado,respectivamente, como elementos centrais de possíveis experiências históricas de sociedade.

Este esquema é adaptado para o campo do sindicalismo :



O nosso objetivo foi articular os tipos de desenvolvimento com as fases do sindicalismo. Assim, por exemplo, ao desenvolvimento agrário-exportador (da escravidão à República varguista) correspondeu uma fase heróica (anarco-sindicalista) do movimento sindical. Ao tipo de desenvolvimento "substituição de importações", correspondeu um sindicalismo institucionalizado (CLT), centrado no Estado.

Em cada uma das etapas do curso procuramos analisar a articulação entre capital (processo de acumulação), Estado, sindicalismo e sociedade. Trata-se, portanto, de um debate sobre *projetos de sociedade* ou *de desenvolvimento*. A perspectiva que adotamos foi de *projeto nacional alternativo*, isto é, qual o papel do sindicalismo em sua construção.

Procuramos desenvolver o curso e de forma a possibilitar aos educandos a identificação das questões estruturais que precisam ser estudadas e contempladas em projetos estratégicos, ao mesmo tempo em que estudamos os instrumentos de análise de conjuntura. Como combinar instrumentos metodológicos que dêem conta, simultaneamente, de *escalas de Espaço* (município, cidade, região, estado, nação, mundo) e de *escalas de tempo* (passado, presente e futuro) ?

Como diz Maria da Conceição Tavares, "A luta política tem que estar referida a um espaço-tempo concreto, a um território político organizado, numa dada conjuntura". Instrumentos que expressem conteúdos sobre o campo dado (Sociedade, Estado, Capital, Trabalho), que permitam um desenvolvimento metodológico dos conteúdos na perspectiva de "recriação" pelos educandos, resultando em novos produtos (conhecimentos) e que permitam autonomia em seu uso além da atividade formativa em questão, isto é, nas etapas inter-módulos nas cidades/regiões.

O debate sobre a construção de alternativas de desenvolvimento implica um acerto de contas com o passado (um mergulho na história). Implica, também, uma projeção no futuro e uma reflexão profunda sobre o momento histórico que vivemos, o presente, a conjuntura ("momento atual").

Para abordarmos a temática de desenvolvimento (enquanto tipo de sociedade), operamos com a categoria de *tipos de desenvolvimento*, numa perspectiva aberta que implica incorporar os elementos de conhecimento e saber dos próprios educandos e que permite uma aplicação criadora e ativa.

Nesta perspectiva, desenvolvimento qualifica a transformação social de modo integral, incorporando os aspectos econômicos, tecnológicos, sociais, políticos e culturais. Enfim, *desenvolvimento integral*. A idéia fundamental de que projeto de desenvolvimento estratégico implica fundamentos políticos, antropológicos, cosmovisão. Um projeto hegemônico não é setorial, ao contrário, é global. Um projeto de sociedade é associado a um projeto de homem, uma opção antropológica etc.

A aplicação criadora deste método construtivo leva a elaboração de modelos de desenvolvimento de curto e longo prazos. Projeto de desenvolvimento como concepção estratégica de um socialismo nacional, criativo, solidário, participativo e autogerido. Nesta abordagem, o projeto de desenvolvimento interpreta em termos objetivos os grandes objetivos da sociedade. A nível mais específico, traduz estes grandes objetivos em projetos específicos com prazos determinados.

A nível de cidadania ativa (Estado/Democracia), o projeto de desenvolvimento tem seu centro de gravidade no povo, nas necessidades populares, com profunda participação,

solidariedade, criatividade, independência cultural. Uma visão oposta e antagônica seria de desenvolvimento centrado no capital, na empresa.

O método parte da construção de *escalas históricas*, que abordam desde uma "visão global", a evolução das civilizações, passando pelas formações econômico-sociais, até a visão do cotidiano. A história é vista através de *escalas temporais* diversas, como nos vários graus de um microscópio. Para começar, definimos as *escalas* com as quais se deve analisar o processo de construir um projeto nacional.

Vejamos estas *escalas*:

- 1) Uma *escala evolutiva*, a mais ampla de todas: a escala da história humana;
- 2) Uma *escala histórica*, onde se estudam os diferentes tipos de formações sociais;
- 3) Uma *escala de visibilidade individual*, em que a unidade de tempo é mais ou menos de 25 anos (25 para o passado e 25 para o futuro - mergulho no passado e projeção). É o mínimo que se pode esperar que uma pessoa madura recorde com bastante consciência, para poder tirar conclusões sem a necessidade de consultar versões jornalísticas ou entender o processo histórico por segunda/terceira mão. Centra na experiência vivida pelos próprios educandos. Implica levar em conta alguns aspectos do perfil da turma; idade, escolaridade, tempo de militância;
- 4) Uma *escala estratégica*, onde já nos situamos no campo das ações, isto é, determinar o que fazer, definir os grupos sociais etc. Numa escala espacial de ordem local articulada com uma escala de tempo de duração média: o período de uma *gestão municipal*, 3 a 4 anos. Assim, é uma *escala* para construção de projeto de *poder local*.

As duas primeiras escalas são muito amplas, abordam questões, sobretudo, do eixo hegemonia cultural; estrutura de sentimentos, imaginário social, ética, cotidiano. O interesse fundamental da terceira *escala* é que podemos definir o projeto de desenvolvimento concreto, a um nível mais ou menos prático, descendo das generalidades como liberdade, justiça social etc. Esta escala nos fornece um quadro de referência prático em que podemos traçar estratégias de ação, tomar exemplos reais, com nome e sobrenome, datas etc. Por exemplo: em que fase de desenvolvimento do capitalismo nos encontramos, especificamente, no Brasil? Daí, a necessidade da análise por períodos (de 25 anos), tomando dois ou três períodos para trás e um para frente (projeção), buscando ver quais são as tendências quantitativas e qualitativas nestes períodos em relação a vários problemas (político, tecnológico, econômico, etc.) e diversos sujeitos históricos (partidos, movimentos, instituições, etc.).

A análise estratégica necessita de prognósticos de longa duração; não se trata de futurismo ou adivinhação, mas de vislumbrar alternativas prováveis, tendências futuras, isto é, análise de cenários.

Na *quarta escala* o fundamental é a ação. Assim, deve se referir a uma situação localizada, uma cidade, uma região, um ramo etc.

Nas duas dimensões (espaço-tempo), temos que levar em conta o global: uma escala local, contudo, com referência global; uma escala temporal curta, porém articulada com as escalas anteriores.

À estas *quatro escalas* fundamentais agregamos outras duas:

1. uma escala puramente *tática*, que já não é mais a "história", é o mês passado e o mês que vem, a semana, a política do dia-a-dia, o jornalismo, a mídia. Enfim, uma *escala de conjuntura (momento atual)*;



2. uma escala "além" da "história", por ser muito abstrata, uma escala dentro da evolução do universo, uma *escala cósmico-universal*. Esta escala está próxima as duas primeiras.

Esquemmatizando para melhor visualização:

Ponta Um	Meio	Ponta Dois
Escala cósmica	Evolução Homem Formação Social Estratégica/Projeto Poder local	Conjuntura

Em outra disposição gráfica:

Cósmica	Formação Social	Poder Local
	Hegemonia Cultural	
Humana	Projeto Estratégico	Conjuntura

Aqui, o eixo hegemonia cultural ,expressando estrutura de sentimentos,imaginario social,experiencia,praxis, individuo,cotidiano,a partir dos proprios sujeitos, articula o conjunto.

### Como estruturamos o curso

O século XX foi recortado em quatro períodos, cada um explorado em uma etapa do curso de dirigentes. Deixamos o último para discutir os desafios do movimento sindical no século XXI. Em cada um dos períodos fizemos um retrato de época, tendo como foco os eixos definidos pela equipe nacional, com seus devidos cortes metodológicos.

O nosso objetivo foi fazer uma recuperação histórica visando compreender o presente e melhorar nossa capacidade para investigar o futuro. Não se trata, portanto, de um estudo cronológico dos acontecimentos deste século, mas um resgate da época, tendo como enfoque e universo temático questões relevantes para o debate atual.

O curso foi um retrato do Brasil. Mas um Brasil de economia dependente, altamente impactado pelo que se passa no resto do mundo, particularmente Europa e EUA. Por isso, em termos muito gerais, resgatamos o que de mais importante e significativo se passou no período a nível internacional, para facilitar a compreensão dos nossos problemas neste contexto. Mas, também tiveram relevância os acontecimentos, problemas e potenciais da região Sul, onde atuam os educandos.

Trabalhamos os seguintes períodos históricos:

Primeiro período: 1888 a 1930  
Segundo período: 1930 a 1964/7  
Terceiro período: 1964/7 a 1989/90  
Quarto período: 1990 a 2000  
Quinto período: 2000 a 2010

A idéia foi retratar cada período, com um currículo estruturado em quatro disciplinas, tendo como tema central as transformações no mundo do trabalho e suas relações com os projetos de desenvolvimento, com as inovações tecnológicas, com emprego, geração e distribuição de renda. Analisamos o impacto sobre a jornada e saúde dos trabalhadores; estudamos os distintos papéis assumidos pelo Estado na regulação/desregulamentação das relações e do mercado de trabalho e o impacto destas transformações na negociação, contratação coletiva, organização sindical, na cultura e modo de vida.

As quatro disciplinas foram: (1) Economia e desenvolvimento; (2) Estado e democracia; (3) Sindicalismo e lutas sociais; (4) Cultura e hegemonia. Os educandos foram convidados a construir ao longo do curso, com tarefas a serem apresentadas em cada etapa, um álbum coletivo (formato cartolina), recuperando fotográfica e textualmente os acontecimentos que cada participante considerou relevante em sua região/ramo (com destaque para a participação de sua entidade). A recuperação fotográfica e textual não foi uma tarefa difícil e possibilitou ao educando compreender e contextualizar a sua realidade (construída historicamente). Em alguns casos (Contestado, por exemplo) foi feita uma recuperação histórica a partir da memória de pessoas da região e/ou pesquisas e levantamentos em arquivos e bibliotecas.

Os trabalhos foram apresentados em cada semana (no primeiro dia) e utilizados nas discussões em cada uma das “disciplinas” e, especialmente, como ponto de partida no estudo de metodologia e ferramentas de análise de conjuntura e comunicação e expressão.

Foi extremamente importante para os educandos o trabalho sobre análise de conjuntura, cujo objetivo foi desenvolver a capacidade de ler e compreender a realidade. Trabalhamos algumas ferramentas de análise e discutimos noções de macro-economia, tendo os balanços de pagamento de vários períodos como ponto de partida. Isto possibilitou-nos discutir o endividamento externo, a presença do capital multinacional e compreender melhor a articulação entre os vários planos econômicos e a dependência econômica, tecnológica e financeira do Brasil. Os educandos, na avaliação, apontaram a necessidade de se dedicar mais tempo nestes estudos.

As atividades de comunicação e expressão começaram na segunda etapa, centradas no desenvolvimento do ato de ler, escrever e se comunicar. Maior tempo foi dedicado para desenvolver a leitura e a organização das idéias. Como os dirigentes estão habituados a utilizarem a voz como principal meio de comunicação e têm relativa dificuldade de se expressar através da escrita, priorizamos esta última forma de comunicação. Em cada etapa, solicitamos que elaborassem um texto (que equivocadamente chamamos de redação) explicitando que lições do período estudado os ajudavam a compreender a atualidade e melhorar a sua atuação. Estas redações permitiam aos educandos fazerem a sua sistematização da semana. Elas foram lidas e trabalhadas na etapa seguinte. Na terceira etapa, quando estudamos o período 1964 a 1989, solicitamos que fizessem um texto sobre a militância, suas idéias, valores e motivação, ontem e hoje. O resultado foi excelente e mereceria um estudo a parte. Na última etapa, cada educando elaborou um plano de trabalho individual para 2001 para apresentar e discutir com a direção do seu sindicato.

## **A história da esquerda**

Ao analisar as expectativas dos educandos e a avaliação da primeira etapa confrontamo-nos com uma insistente solicitação de que a história da esquerda (e das correntes que hoje atuam na CUT) fosse discutida. Para a segunda etapa (1930-64), selecionamos um momento para trabalhar a história e as idéias do PCB e do trabalhismo. Na terceira (64-89), quando procuramos enfocar de forma muito particular a militância, seus valores, disposição (para fazer um contraponto com a atualidade), trabalhamos 4 “gerações” de militantes, estabelecendo diversas relações entre contexto, momento político, motivação, valores, utopia e disposição militante. Na quarta etapa, pretendíamos explicitar as várias formulações das correntes de esquerda presentes no movimento sindical, a partir das teses (emendas) apresentadas ao VII CONCURTO. No entanto, a euforia decorrente do resultado eleitoral do primeiro turno forçou-nos a debater o momento político e a recuperar a trajetória da esquerda nas duas últimas décadas. Vale destacar que, os valores presentes na geração de esquerda em curso, a Quarta, foram construídos com os educandos, a partir da experiência e valores de cada um.

## **Festa de época**

Os educandos vieram de diferentes regiões dos três estados do Sul e ficaram durante quatro dias estudando um dos períodos da história de nosso país neste século que se encerra. Visando uma recuperação histórica nos termos esboçados anteriormente, procuramos aproveitar todos os momentos presenciais dos educandos para trabalhar o período estudados. Um dos momentos foi a festa. No penúltimo dia da etapa realizamos um festa de época, quando além de instrumentos de trabalho utilizados no período estudado, os educandos foram convidados a trazerem “algo” que para eles representava aquele período. Também foram convidados a representarem na festa aspectos da época. Como exemplo, podemos citar a dramatização organizada e realizada pelo grupo do Jeca Tatu, a representação das “garotas do rádio”, a reprodução de discursos de Getúlio Vargas, a declamação de poesias demarcando a “valorização” do trabalho no Estado Novo, dentre inúmeros outros exemplos.

Um momento de descontração absolutamente articulado com os temas estudados. Infelizmente não pudemos acompanhar o grupo em todas as suas atividades festivas e culturais.

## **Temas para aprofundamento**

Durante todas as etapas procuramos identificar o que os educandos consideravam essencial aprofundar em seus estudos. Ou seja, queríamos saber o que, dentre os vários aspectos estudados de cada período, os educandos consideravam essencial aprofundar. Destacamos da síntese que fizemos as seguintes questões: (1) história, concepção e prática das correntes de esquerda; (2) questão agrária e sindicalismo rural; (3) globalização e neoliberalismo; (4) futuro do sindicalismo; (5) desregulamentação e flexibilização das relações do trabalho; (6) modelos de desenvolvimento alternativos; (7) Estado e democracia; estudo de instrumental que melhore a capacidade dos educandos de analisarem a conjuntura, planejarem o seu

trabalho, organizarem as atividades (principalmente reuniões) e realizarem o trabalho de base; (8) negociação e contratação coletiva; (9) saúde e condições de trabalho.

### **Economia e desenvolvimento**

Trabalhamos a passagem do regime de trabalho escravo para o assalariado e a exclusão social do negro do mercado de trabalho. Analisamos as principais características da economia capitalista agrário-exportadora, tendo no café o principal produto voltado para exportação. Procuramos identificar as bases do caráter dependente e tardio da industrialização, que partia de uma economia colonial e ocorria na fase do capitalismo monopolista, quando os países de industrialização originária e atrasada já entravam na segunda revolução industrial.

Estudamos a imigração e seu impacto sobre a exclusão do negro e na constituição do sindicalismo no início do século. Procuramos fazer uma radiografia do mercado de trabalho, principalmente como ocorreu a sua constituição e impacto sobre a capacidade de negociação sindical decorrente ao êxodo rural ou da migração nordestina, que sempre assegurou enorme contingente de mão de obra a procura de trabalho.

Verificamos as condições de trabalho em cada época: o trabalho da mulher e o infantil, as extensas jornadas de trabalho, a inexistência e, posteriormente, existência de uma legislação protetora etc. Estudamos a questão agrária em cada período, cuja análise ajuda a elucidar a predominância e a força do latifúndio no Brasil e porque apenas no final da década de 50 o sindicalismo rural passa a ter força.

Estudamos o papel do Estado na constituição das indústrias de base (1940) e na industrialização pesada. As reformas de base foram analisadas com o olhar de quem pretendia identificar elementos para contribuir na elaboração de um projeto alternativo para o Brasil.

O milagre brasileiro, o II PND e os diversos planos de estabilização adotados até o plano Real foram estudados, tendo o balanço de pagamentos como instrumento base para análise.

### **Estado e Democracia**

O enfoque esteve centrado na crise do Estado oligárquico e sua passagem para o novo bloco no poder, com a revolução de 30. Neste longo processo, destacamos o papel das classes médias, ora através de sua expressão no campo cultural, com o movimento modernista; ora, com sua expressão no campo político-militar, com o movimento tenentista. A fundação do PCdoB; a crise da federação; a legislação repressiva em relação aos movimentos sociais; a legislação eleitoral; o coronelismo e o mandonismo local.

A proclamação da República como um longo processo iniciado com as lutas republicanas no período colonial. A influência das idéias das revoluções francesa e americana.

A caracterização deste processo de transição como uma modernização conservadora (revolução passiva, nos termos gramscianos). No campo mundial, destacou-se a polarização ideológica entre Comunismo x Nazi-fascismo, do pós Guerra. A influência da Revolução Soviética e a disputa entre os comunistas e os anarquistas, além do surgimento do trotskismo.

A ampliação do Estado, no sentido de incorporar elementos de hegemonia, sobretudo através dos meios de comunicação (rádio, cultura etc.), este presente no estudo da revolução de 30. O Estado, então, combina a repressão aos movimentos sociais com a disputa de hegemonia. Particularmente, no que diz respeito ao movimento sindical, o Estado Novo, a partir de 42, desenvolve um intenso trabalho cultural. Destaque para o discurso anti-comunista, após 35, com sua riqueza ao utilizar valores arraigados no inconsciente coletivo (religião). Neste sentido, a revolução de 30 é mais um momento da modernização conservadora.

No campo das esquerdas, assinalou-se a radicalização ideológica entre comunistas e integralistas; a tentativa insurrecional do PCB, em 1935; a figura de Getúlio foi vista em toda sua ambigüidade e, como expressão do *Estado de Compromisso* entre as várias frações no poder.

No segundo governo de Getúlio Vargas, destacou-se sua postura nacionalista e o choque sofrido pelas esquerdas nos anos 50: o impacto do suicídio de GV (54), a morte de Stalin (53), o XX Congresso do PCUS (56), e as revoltas operárias na Hungria/Polônia (56).

O governo João Goulart será marcado pelo aprofundamento da crise econômica/política, pelas lutas sociais e pelo papel das Forças Armadas na conspiração que levou ao Golpe (64). A ditadura, os sistemas repressivos, a anistia e o processo de democratização lenta e gradual foram estudados, ao lado do trabalho das comunidades de base, das organizações clandestinas e do movimento sindical e estudantil.

A luta pelas diretas, o processo constituinte e a disputa presidencial de 89, quando a esquerda esteve muito próxima de assumir de fato o poder. O papel dos meios de comunicação, em especial da Rede Globo, e a necessidade de uma estratégia sindical que dialogue com os setores excluídos da sociedade ganhou relevância.

Por fim, o neoliberalismo e todas as suas implicações para a sociedade e o sindicalismo brasileiro, foram analisados na perspectiva metodológica anteriormente esboçada, qual seja, que não se trata apenas de um movimento econômico, mas de um processo de globalização do capital e do trabalho, com efeitos sobre o tecido social.

### **Sindicatos e Lutas Sociais**

Foram estudadas as diferentes concepções sindicais em cada período de nossa história de uma forma articulada com a análise, de um lado do mercado de trabalho e, de outro, com o papel adotado pelo Estado.

No que se refere às lutas sociais, foram discutidas as que aconteceram no Sul do país, em especial o Contestado, e procurou-se destacar as questões que estiveram presentes nestes movimentos e que ainda hoje precisam ser levadas em consideração, em especial na luta dos trabalhadores rurais.

A estrutura sindical foi detalhadamente analisada. O novo sindicalismo que surge no final dos anos 70 que se desenvolve na década precedente foi estudado e comparado que a ação sindical, seus impasses e desafios na década de 90, de forma a possibilitar aos educandos identificarem as transformações em curso e as tendências futuras.

### **Cultura e Hegemonia**

No campo cultural, inúmeras foram as questões trabalhadas. A Semana de Arte Moderna (1922), a fundação do PCdoB (1922), com as ambigüidades que irão caracterizar as relações da esquerda com a cultura, o período populista; a era do rádio; as músicas, o teatro; o modernismo, cujo destaque foi a obra “Macunaima”, de Mário de Andrade.

Através de um CDROM, apresentou-se a evolução da pintura moderna e sua relação com o momento político. Algumas músicas foram usadas para mostrar como uma expressão artística reflete as expressões políticas de uma época. O processo triplo de modernismo/modernização/modernidade, adquire suas expressões no campo das artes (arquitetura, artes plásticas etc.) Neste sentido, viu-se como a modernização do Rio de Janeiro, com o surgimento das favelas, criou as condições para criação das primeiras escolas de Samba, como a “Abre Alas”, (música de Chiquinha Gonzaga).

A ênfase foi posta, por um lado, na relação do Estado com a sociedade através do rádio, utilizando os valores culturais oriundos da cultura patriarcal (que foi analisada através da obra de Gilberto Freire “Casa-Grande e Senzala”). Por outro, na relação do Estado com os trabalhadores, através da CLT.

Este momento foi realizado através de uma aula baseada em música, poesia e exibição de um CDROM sobre a pintura de Cândido Portinari. Basicamente, cada momento/conjuntura foi mostrado através da música, como no filme o “Baile”. Desde a música popular de Noel Rosa, nos anos 30, passando pela Bossa Nova, nos anos 50, até a MPB, com Chico Buarque, Vandrê, nos anos 60.

Na terceira etapa trabalhamos a “Bossa Nova” e o “Tropicalismo”. Destacamos a vida política e cultural do militante, seus valores, dedicação e utopia.

O “resultado” deste trabalho expressou-se na disposição de inúmeros educandos de organizar em seus sindicatos áreas dedicadas ao trabalho cultural, manifestações favoráveis a investimentos sindicais na recuperação e conservação da memória de suas entidades.

### **Avaliação final**

Certamente inúmeras questões poderiam ser tratadas de forma mais adequada. A questão agrária, dentre elas. Poderíamos explorar muito mais as questões trazidas para a sala nas cartolinas elaboradas pelos educandos. Estamos convencidos de que as transformações no mundo do trabalho podem merecer maior atenção. No entanto, o que mais nos preocupa é a falta de tempo para os educadores sistematizarem os conhecimentos produzidos ou simplesmente apresentados durante o curso.

As direções sindicais, por inúmeras razões que não cabe aqui discutir, acumulam grande quantidade de conhecimentos apreendidos em sua prática cotidiana ou quando de sua participação como agentes nos grandes acontecimentos. No entanto, toda esta riqueza não é sistematizada, portanto, não é socializada. Como educadores não podemos deixar de concluir esta fascinante experiência com uma conclamação: tão importante como considerar os educandos como portadores de conhecimentos e tomá-los como ponto de partida para construir e desenvolver novos saberes, é sistematizá-los, para que possamos socializar o conhecimento produzido, confrontá-lo com outros, numa luta incessante para nos libertarmos da caverna, como no mito de Platão.